

BENJAMIN: LINGUAGEM, TRADUÇÃO, LITERATURA

BENJAMIN, Walter. **Linguagem, tradução, literatura** (filosofia, teoria e crítica). Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, 204 p.

Vanessa Madrona Moreira Salles*

O pensador Walter Benjamin (1892-1940), cuja forma ensaística e a argúcia argumentativa distinguem seus escritos, teve uma trajetória intelectual inusitada. Berlinense, de uma rica família judia, não conseguiu ser professor universitário, por ter sua tese de livre docência intitulada *A origem do drama barroco alemão* sido recusada pela Universidade de Frankfurt. Com a ascensão de Hitler ao poder, em 1933, sai da Alemanha e passa a viver como ensaísta, colaborando em várias publicações. Deixou-nos um importante legado de artigos, livros, cartas, anotações, textos de transmissões radiofônicas, etc.

Nessa coletânea – *Walter Benjamin: linguagem, tradução, literatura* – temos a oportunidade de, mais uma vez, sermos confrontados com a forma instigante e, no caso de alguns dos textos, de flagrante atualidade, dos ensaios benjaminianos.

O presente livro foi traduzido e editado pelo português João Barrento. Esse volume da série Filô Benjamin, da Editora Autêntica, reúne ensaios e fragmentos em torno de três eixos: Filosofia e sociologia da linguagem, Tradução e Teoria e crítica literária. A difícil tarefa de escolher na vasta produção de Walter Benjamin alguns textos para compor cada um dos três blocos foi realizada com sucesso pelo tradutor.

Encontram-se nessa compilação alguns trabalhos já anteriormente publicados em português – “A linguagem em geral e a linguagem humana”, “A tarefa do tradutor”, “O contador de histórias”, só para citar alguns – e outros, inéditos. O objetivo do tradutor é tentar, na medida do possível, dar a ler os textos benjaminianos e, nesse volume, ele acrescenta uma série de notas que mostram, brevemente, o contexto em que os trabalhos surgiram, a partir de dados biográficos, históricos, filológicos e correspondências.

Os três blocos são intercomunicantes, e um texto do primeiro núcleo poderia estar no segundo, ou sua argumentação é retomada nos textos dos outros blocos. Por exemplo, em “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”, Benjamin afirma que para

* Doutora em Filosofia/USP. Professora na Universidade FUMEC. E-mail: vanessasalles@uol.com.br.

compreendermos o conceito de tradução – tema do segundo núcleo – é preciso buscar seus fundamentos na teoria da linguagem.

Os textos agrupados sob o título “Linguagem” são apresentados em ordem cronológica: o artigo “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”, de 1916; os “Fragmentos de filosofia da linguagem e epistemologia” foram redigidos entre 1917 e 1928; os dois artigos sobre a faculdade mimética são de 1933; e “Problemas da sociologia da linguagem”, de 1935.

É imprescindível lembrarmos de que há várias possibilidades de leituras dos fragmentos reunidos no primeiro núcleo: “Fragmentos sobre a percepção” (1917), “Simbolismo do conhecimento” (1917-18), “Analogia e parentesco” (1919), “Teoria do conhecimento” (1920-21), “Sobre o enigma e o mistério” (1920-21), “Linguagem e lógica” (1920-21), “Tipos de saber” (1921), “Reflexões sobre Humboldt” (1925 – 1927-28). Como reunião de subtítulos de um “texto mosaico”, configurado em uma “totalidade” elaborada pelo leitor, impossível de ter sido imaginada por Benjamin visto que esse conjunto não foi previamente planejado e sim foi construído ao longo de sua vida. Outra possibilidade seria mantermos a independência e incompletude de cada fragmento, isso para sinalizarmos duas possibilidades de leitura, dentre várias. Mas essas são nossas apropriações. A exegese da obra benjaminiana demanda outro procedimento.

É preciso estar alerta para a peculiaridade do legado benjaminiano: sua obra inclui livros, artigos com várias versões, anotações diversas, uma série de citações, fragmentos, uns mais acabados, outros na forma de aforismos, mas não há hierarquia de importância entre eles. O pensamento benjaminiano constrói-se recorrendo a imagens. Apresenta diferenças sutis, como, por exemplo, entre enigma e mistério; analogia, semelhança e parentesco. Para lermos essa compilação é preciso cuidado com essas idiossincrasias do ensaísta para não exigirmos desse brilhante pensador uma escrita linear, clara e objetiva que ele não se propôs a percorrer. Seu método é *umweg* (não-caminho).

Observemos o texto “Problemas da sociologia da linguagem” (1935). Nesse ensaio Benjamin destaca o caráter interdisciplinar da questão da sociologia da linguagem, afirmando que ela diz respeito a várias áreas do conhecimento e, por isso, ao discutir o estado da arte desse tema cria em seu artigo um grande fórum em que aponta e critica os argumentos de importantes estudiosos de campos diversos - Henri Delacroix, Paul Hankamer, Karl Bühler, L. Geiger, Charles Callet, Lucien Lévy-Bruhl, Ernst Cassirer, F. C. Bartlett, Olivier Leroy,

Charles Bally, Nikolaus Marr, J. Vendryes, Alfredo Niceforo, Rudolf Carnap, Edmund Husserl, L. Wygotski, Jean Piaget, dentre outros.

No segundo núcleo da coletânea, no ensaio “A tarefa do tradutor” (1921) o ponto de partida benjaminiano é que a tradução de uma obra literária não é da ordem da informação, não tem como pressuposto comunicar. Esse texto foi publicado em 1923, como prefácio à tradução dos *Tableaux parisienses*, de Baudelaire, realizada por Benjamin. Nele Benjamin argumenta que a tradução de uma obra literária é também criação de uma obra poética,

[...] mas a tradução nunca se vê, como a criação poética, por assim dizer no interior da floresta da língua, mas fora dela; perante ela e sem nela entrar, ela atrai o original para o seu interior, para aquele lugar único onde o eco é capaz de fazer ouvir, na sua própria língua, a ressonância da obra na língua estrangeira. (BENJAMIN, 2018, p. 95).

O fragmento “A tradução – prós e contras” (1935/36) é um breve texto em forma de diálogo acerca dos problemas filosóficos da tradução.

No terceiro bloco de ensaios e fragmentos temos alguns dos textos de um projeto iniciado em 1929 em que Benjamin planejava redigir um trabalho sobre a teoria e a situação da crítica literária.

No “Programa da crítica literária” (1929-30), Benjamin elenca 40 teses em que defende a necessidade de reformulação da função da crítica literária tal como é feita em seu tempo, considerada decadente. Propõe novos parâmetros para a elaboração de críticas, alegando que uma boa crítica deve incluir comentário crítico e citação e evitar sobremaneira fazer “resumos do conteúdo das obras” (p. 109).

Vale destacar a forma como Benjamin apresenta a relação entre pesquisa e ensino na vida acadêmica no fragmento “A tarefa do crítico” (1931):

Deveria desaparecer o lado mau da totalidade do método, para dar lugar, por um lado, a um tipo de pesquisa mais dinâmica, por outro, e acima de tudo, para possibilitar uma atividade docente menos banal e mais pensada. Em suma, deveria recorrer-se a uma certa intransigência para se poder chegar não tanto a uma reanimação da atividade docente através da pesquisa, mas antes a uma reativação – com forte participação – da pesquisa pela atividade docente. (p. 121).

Ainda que para Benjamin a História da Literatura não seja uma disciplina da História, ela é um momento da história geral e se se encontra numa fase de crise é porque a história geral está em crise. Esses são argumentos desenvolvidos em “História literária e ciência da literatura” (1931).

O ensaio que encerra essa antologia é “O contador de histórias: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov” (1936), texto feito sob encomenda sobre o romance e a narrativa, a partir da análise dos contos desse escritor russo. O título alemão (*Der Erzähler*) do ensaio benjaminiano é conhecido pelos leitores brasileiros traduzido pelo termo “O narrador”. João Barrento, o tradutor dessa coletânea, apresenta nota de rodapé justificando sua escolha:

Traduzo este título [...] a contrapelo do que tem sido habitual noutras versões [...] Por um lado, para ir ao encontro de toda a intenção do ensaio de Benjamin, que é a de recuperar uma forma e uma figura que o romance e o progresso técnico e social (através da informação) colocaram na sombra ou fizeram mesmo desaparecer, e que o texto remete muitas vezes para a tradição oral. Por outro, porque o termo sempre utilizado (“O narrador”) [...] perverte o sentido original: enquanto termo técnico, “narrador” é uma categoria da teoria da narrativa; e no seu uso corrente a palavra perde perfil próprio, na medida em que se refere a todo aquele que narra – incluindo, naturalmente, o romancista, que está fora do âmbito semântico do “contador de histórias”. (p. 139).

Esse ensaio mostra que as formas narrativas estão intimamente relacionadas às condições sociais. A arte de contar histórias está chegando ao fim porque há um empobrecimento da experiência coletiva e um favorecimento da experiência individual que é favorável à fruição de outra forma, o romance.

Em um fragmento sobre romance e narrativa escrito entre 1928 e 1935 Benjamin (p. 201) conclui: “nada acaba de forma mais radical com o espírito da narração do que a despudorada expansão do “privado” nas nossas existências; e toda discrição, íntima, convencional, egoísta, pessoal, é como um ataque que rouba ao contador de histórias um bocado da sua capacidade de expressão”.

A tarefa de traduzir textos de Walter Benjamin é um desafio, um combate como de Heitor e Aquiles. O tradutor é como o herói troiano que não se amedronta e vai ao encontro de seu destino. Luta bravamente, ainda que a derrota seja certa. É uma derrota honrosa, porque o desafiante é um semideus, imortalizado, um ensaísta genial, numa escrita inventiva, labiríntica, fragmentária e, por vezes inacabada. Justificam-se as várias traduções. Na presente compilação temos a grata oportunidade de encontrar reunidos excertos e artigos em torno dos astros da Linguagem, da Tradução e da Literatura, formando uma constelação, intercambiante, movente, fluida.